

TRANSCRIÇÃO | PERÍODO DE ACOMODAÇÃO

Olá, meninas! Sejam bem-vindas a uma próxima aula.

Seguinte, hoje eu vou falar um pouquinho sobre o nosso trabalho como mãe e vou fazer uma relação disso com um conceito chamado tempo de acomodação. Ah, Sâmia, de onde vem esse conceito? Eu inventei esse conceito. E é um conceito muito verdadeiro para a educação dos nossos filhos. Então, fiquem aí para vocês ouvirem. Eu já falei isso em alguma outra aula, mas aqui eu deixei-o um pouquinho mais claro, tá bom?

Então, é o seguinte: a gente realmente tem muita coisa para fazer, muitas frentes. O pessoal gosta muito de mostrar uma mãe nessas várias charges ou fotinhas dessas na internet da mãe segurando vários pratos. Então, ***as mulheres cuidamos do nosso cuidado pessoal, tanto físico, intelectual quanto espiritual. Dos nossos deveres de estado, ou seja, do nosso marido, da educação dos nossos filhos, do cuidado com a nossa casa, do nosso trabalho profissional, da amizade, da nossa relação com os nossos pais.*** Então, realmente, a gente tem que cuidar de muitas coisas. Eu tenho certeza que vocês todas que estão aqui desejam cuidar de todas essas coisas com maestria. ***Mas há muitas pessoas que falam, “ai, meu Deus do céu, isso é um peso muito grande para as mulheres”, “isso é um peso muito grande”.*** “Talvez a gente não consiga dar conta de tudo”.

Eu vou falar aqui especialmente sobre uma virtude chamada ***a virtude da laboriosidade***, que está diretamente relacionada à forma de trabalhar. Não só o nosso trabalho profissional, mas a forma de cuidar de todas as coisas, ou seja, de todas as coisas que envolvem as nossas mãos, a nossa atenção, o nosso cuidado, o nosso intelecto.

Então, a virtude da laboriosidade é justo esta: a virtude que está relacionada com o trabalho, ***a virtude que leva o trabalho a sério, como compromisso. Ela está muito relacionada à virtude da diligência*** — que é aquela disposição nossa de enfrentar e resolver rapidamente as coisas, sem esquecimento, sem demora, sem deixar para depois, sem procrastinação, fazendo o que a gente deve fazer.

Laboriosidade, portanto, é enfrentar com responsabilidade e constância o que nos é exigido. Não só no nosso trabalho profissional, mas em várias áreas da nossa vida: na nossa vida espiritual, na nossa vida do cuidado físico com as coisas. Por exemplo, o quanto a presença da pneumonia na minha vida (eu tive uma pneumonia bilateral) mudou o jeito de eu me relacionar com o meu cuidado físico! [Meu cuidado] de dormir melhor, de tomar adequadamente as minhas medicações, os suplementos, de cuidar da minha alimentação: Realmente foi uma virada de chave! Ou seja, ***é uma forma de trabalhar melhor, no sentido de que... Por que eu vou deixar para depois, se é uma coisa que eu preciso fazer? Então, a virtude da laboriosidade está relacionada com isso. Por quê? Porque ao cuidar do meu aspecto físico, eu faço isso para que eu esteja melhor disposta para as pessoas que eu amo, e assim eu possa fazer todo o resto do meu trabalho.*** Trabalho esse que é, por exemplo, dar aula para vocês, como cuidar dos meus filhos, como estar com o meu marido... Enfim, inúmeras coisas que eu preciso fazer.

A virtude da laboriosidade, portanto, não está relacionada só com o trabalho do qual eu tiro sustento. Se fosse assim, uma pessoa que não trabalhasse não precisaria ter a virtude da laboriosidade. Ou seja, ou então, se ela não trabalhasse, ou porque ela não trabalha fora, ou porque ela já tem o seu sustento garantido, eu não precisaria ter a virtude da

laboriosidade. E isso não é verdade. ***A virtude da laboriosidade tem relação com essa nossa obrigação em contribuir para o bem da coletividade.***

Essa forma como a gente vê o nosso trabalho é muito importante para a gente não ter uma relação com o trabalho apenas financeira. O nosso trabalho é a forma como a gente coloca para o mundo, como a gente oferece ao mundo, toda a nossa capacidade produtiva, Não só em relação à profissão que a gente tem, mas em relação a todos os nossos dons, todos os nossos talentos que a gente precisa colocar em favor das outras pessoas.

Por exemplo, o trabalho da casa, o trabalho com os nossos filhos, não é um trabalho que nos dá sustento, mas é um trabalho que nos faz contribuir para o bem do coletivo, para o bem da minha família, para o bem do meu casamento, para o bem dos meus filhos. Portanto, o trabalho do lar é um trabalho profissional, digamos assim, que exige de mim a virtude da laboriosidade.

Existe uma frase que diz “aquele que puder ser sábio, não lhe perdoamos que não o seja”. O que quer dizer isso? Significa que ***alguém que tenha a capacidade de fazer... de fazer as coisas, de contribuir com as coisas na sociedade e que não o faz, ela não é digna de perdão***, digamos assim. Então, a gente não pode se esquivar das coisas que a gente precisa fazer, que é o nosso dever fazer, porque é nosso dever de Estado, porque é nosso dever profissional, porque é nosso dever enquanto filha, porque é nosso dever enquanto amiga, porque é nosso dever enquanto filho de Deus. A gente não pode simplesmente não fazê-las, a gente não vai ser perdoado por isso.

Então, ***se a gente pode ser, nós precisamos ser.*** Então, a virtude está relacionada à dedicação às tarefas que nos cabem, com perseverança, hora a hora, dia a dia, colocando e alcançando as metas. E aí, ***quando a gente age através da virtude da laboriosidade, trabalhando bem, não procrastinando, fazendo as coisas que eu tenho que fazer, no momento que eu tenho que fazer, colocando todo o meu empenho naquilo, começando na hora certa, terminando na hora certa, eu percebo que eu sou capaz de fazer coisas que eu não imaginava.***

Então, é ou não é verdade quando a gente tem um filho só, a gente fala “que confusão, meu Deus do céu, como é que eu faço?”. Quando a gente tem um segundo, a gente pensa “o que eu fazia antes?”. Quando a gente tem um terceiro “meu Deus do céu, de onde saiu esse tempo que parecia que eu não tinha?”. De fato, quando a gente trabalha bem, quando a gente executa as coisas da forma como a gente tem que fazer, estando com a nossa cabeça ali onde a gente tem que estar, naquele momento que nos cabe, isso faz com que a gente seja muito mais eficaz. A gente consegue fazer muitas coisas e consegue colocar a serviço dos outros muitos dos nossos talentos.

Portanto, se a gente está descansando quando a gente poderia estar desenvolvendo, a nossa inteligência, aprendendo alguma coisa, e a gente não está, a gente não vai ser perdoado por isso. Se a gente não está se desenvolvendo como mãe, estudando para ser uma boa mãe, e a gente deveria estar fazendo isso para o bem do nosso filho...logo, a situação está ruim. Se a gente não sabe cuidar da nossa casa, administrar a nossa casa, e eu não fui buscar como eu faço isso... também está ruim a situação. Se eu preciso cuidar da minha vida espiritual e eu não faço: está ruim. Se eu preciso cuidar da minha saúde e eu não faço: está ruim também.

Então, ***apesar de parecerem muitos pratos, quando a gente executa a cada momento aquilo que a gente pode, sabendo que a gente conseguiu fazer naquele dia, tudo***

que aquilo aqui nos cabia e que existe o dia seguinte para a gente fazer as coisas que a gente não conseguiu naquele dia, se a gente organiza tudo isso, a gente consegue trabalhar bem, a gente consegue fazer muitas coisas, dar conta de muitas coisas.

Opõe-se à laboriosidade duas coisas. Uma é a **preguiça**. E a outra, que é o que a gente vai falar mais, que é o **ativismo**.

A preguiça ou a negligência ou o abandono é deixar para lá algo que me cabe a ser feito. Ou seja, eu não estou aproveitando o tempo dentro do trabalho, no cuidado da minha casa, no cuidado com as pessoas, nas amizades, no cuidado com a minha mãe, no cuidado espiritual que eu deveria. Então, parece que eu não tenho tempo para nada. As melhores pessoas são aquelas que, quando você diz para ela fazer uma coisa grande, ela fala “eu não tenho tempo”. Que bom que você não tem tempo. Significa que você está trabalhando, que você está colocando o seu dia. ***Mas, muitas vezes, as pessoas dizem que não têm tempo, mas o dia delas está preenchido de coisas inúteis.***

Se você pegar o seu celular e for avaliar quanto tempo você gasta no Instagram, quanto tempo você gasta no WhatsApp, quanto tempo você gasta no YouTube, você vai ver que você tem muito tempo para fazer muitas coisas *boas* e que você não vai ser perdoada se você não fizer — assim, eu não estou falando do ponto de vista religioso de Deus, mas estou falando “perdoado” no sentido de que, puxa vida, você podia ter feito e você não fez por preguiça.

Então, a laboriosidade nos impulsiona a aproveitar o tempo, a preencher o nosso tempo com o trabalho. Claro que a gente precisa descansar, claro que a gente precisa ter diversão, mas isso tudo está dentro da virtude da laboriosidade. A gente precisa descansar para que a gente possa trabalhar melhor. E descansar não é fazer nada, não é fazer com que os outros — a gente já falou sobre isso na aula de férias — venham a mim. Descansar aqui no sentido de que eu preciso mudar de ocupação, fazer uma coisa nova que eu não tenho tempo de fazer quando eu estou trabalhando.

Trabalhar bem, com efeito, não exclui a contemplação da beleza, nem o lazer, nem a existência do cansaço. Muito pelo contrário, quem tem a virtude da laboriosidade consegue ajustar todas essas coisas e aproveitar o tempo.

Então, como falei, o contrário da laboriosidade não é só a preguiça. Não é só a preguiça que atrapalha a procrastinação, aquele deixar para lá, não fazer tudo que a gente podia, mas o **ativismo**. Que seria, entre aspas, “trabalhar demais”. Ou seja, o que seria o ativismo? ***Não é de fato trabalhar demais, mas é uma busca ansiosa do trabalho.*** Ou seja, ***a entrega a uma atividade desmedida, febril, sem serenidade, sem conseguir descansar, sem conseguir prestar atenção aos que nos rodeiam, sem conseguir prestar atenção nas belezas do mundo, contemplar a beleza, sem conseguir nos divertir.*** Ou seja, estar *totalmente* focada no trabalho.

Assim, a laboriosidade ou é um serviço, ou é uma mera escravidão, o que justamente acontece com o ativismo. O trabalho humano existe para produzir frutos. E quando a gente produz frutos, a gente se aperfeiçoa como um indivíduo. Desse modo, a gente não vai ser escravo, mas senhor do trabalho.

É através do trabalho que a gente precisa se desenvolver espiritualmente. É através do trabalho que a gente vai nos dignificar, como se diz, “o trabalho dignifica o homem”. Ou seja, a gente vai ser cada vez mais homem, usar cada vez melhor a nossa liberdade, escolher melhor o bem.

Então, é necessário ter uma dedicação esforçada e responsável à própria tarefa e, ao mesmo tempo, harmonizar a serenidade, a capacidade de perceber o bem, a beleza, a abertura aos outros. Se não, é ativismo, não é laboriosidade. “Ah, eu trabalho muito, mas eu não tenho capacidade de escutar o que uma pessoa diz, eu não tenho, não consigo saber o que acontece na vida dos meus filhos, eu não me interesso pelo que acontece na vida da minha esposa”. “Ah, mas é porque eu preciso, a gente precisa de dinheiro”. Você entende que é possível você trabalhar bem, suprir financeiramente a sua família e, ao mesmo tempo, você cuidar de todas as outras coisas que lhe cabem. Então, é necessário a gente trabalhar com empenho e dedicação, mas a gente não pode atropelar o próprio trabalho, nos deixando dominar por ele.

Então, a gente precisa ter essa serenidade, o cuidado dos detalhes, esse espírito de serviço, mas sem deixar que as coisas se atropelem. Cada coisa precisa ter o seu momento, Então, é aquela história, faz o que debes e está no que fazes. Ocupar as horas do nosso dia deve ser fruto de uma reflexão atenta e ponderada. Ou seja, a gente precisa pensar no nosso trabalho, no momento da gente fazer as coisas. Às vezes, realmente é necessário a gente fazer um *schedule*: programação do que eu faço em cada momento, para, assim, eu ter tempo de fazer tudo.

Então, **o ativismo é uma atitude que faz com que a gente se deixe arrastar pelos acontecimentos, sem a gente dominar, dominar os acontecimentos.** Ou seja, sem a gente tomar posse. Ou seja, o ativismo traz precipitação, desordem, ineficácia. Quando a gente trabalha com ativismo, ou seja, sem refletir, sem pensar, sem fazer as coisas com ordem, achando que o trabalho... para trabalhar bem é necessário trabalhar muito e de forma desmedida, isso é muito errado, porque o ativismo faz com que a gente corra sem saber para onde a gente vai e a gente acaba não indo a lugar algum.

Ou seja, o ativismo é uma armadilha que faz com que o lugar onde a gente deveria estar com nosso coração fique abafado pelo número de coisas que a gente precisa fazer. E aí você embota a sua consciência dizendo “eu tenho muita coisa para fazer”; “mas é necessário fazer muita coisa”; “é muita coisa, tudo depende de mim e eu preciso fazer as coisas”; “há muita coisa que fazer”; “as demandas são muitas”.

O que a gente precisa fazer para acabar com o ativismo? Colocar amor e presença, intencionalidade, atualizar a nossa vontade, atualizar os nossos motivos em cada uma das circunstâncias. Então, quando eu estou no trabalho, eu trabalho com a minha cabeça ali, fazendo aquilo da melhor forma possível, adquirindo o meu desenvolvimento profissional. Faço as minhas virtudes se desenvolverem no trabalho para que eu possa utilizar essas virtudes da pontualidade, da laboriosidade, da justiça, da generosidade quando eu estiver em outros momentos — como, por exemplo, estar com a família para que eu esteja totalmente com a cabeça ali, com atenção aos meus filhos, com atenção ao meu marido, com cuidado com eles, ouvindo o que eles têm a me dizer, com calma, com presença, com intencionalidade, utilizando as virtudes que eu desenvolvi aqui no meu trabalho para estar com os meus filhos.

O contrário também é verdadeiro: utilizar a virtude da paciência, utilizar a virtude de estar atenta aos demais, a generosidade com os meus filhos, negando-se a si próprio, a entrega, utilizar isso tudo também no nosso trabalho. Então, não querer fugir, mas estar ali, aproveitar aquele momento, que tem valor de eternidade. Então, **devemos fazer o que a gente deve fazer não por o estoicismo, “eu faço porque eu faço”, mas por amor.** Porque se a gente faz por estoicismo, a gente não está tomando posse daquilo, mas está fazendo porque “é o certo a ser

feito”, porque “dizem que é melhor ser assim”. Não. Nas situações do nosso dia, no nosso trabalho, no nosso cuidado com o marido, no nosso cuidado das nossas amigas, no nosso cuidado pessoal, na nossa espiritualidade, no nosso cuidado com os nossos filhos, **isso vai fazendo com que a gente seja nós mesmas, a gente vai se tornando cada vez mais humanas.**

A gente não pode fazer com que a gente tenha um dia cheio de deveres cumpridos, mas não realizados. **A gente não pode fazer as coisas como mãe para que a gente faça as coisas porque é isso que uma boa mãe faz; mas a gente tem que se tornar uma boa mãe através dos nossos afazeres maternos, através do nosso trabalho profissional, através do nosso cuidado com o marido, isso tudo faz de nós uma boa mãe.**

O ativismo, ele traz a sensação de que a vida passou e não fui eu que vivi. “Ai, tanta coisa para fazer, nossa, o ano passou e eu nem sei o que aconteceu”. Não, não é para ser assim. **Eu não sei contar a minha história porque não fui eu quem estava vivendo, eu estava só vendo o tempo passar fazendo inúmeras coisas que eu precisava fazer porque era o certo a ser feito, porque disseram que é melhor ser assim, disseram que eu tenho que entregar a minha vida. Não. É necessário você ter presença.**

Como se diz, é necessário perder a nossa vida para que a gente possa ganhá-la. Perder a nossa vida não é ver a vida passar e não tomar posse dela. É necessário tomar posse daquele momento em que você está e você esteja fazendo aquilo, porque você quer e não porque te mandaram, mas porque é isso que você deseja, você deseja estar ali. Você sabe que aquele momento é cheio de valor, que faz com que você seja quem você é e por isso tem valor de eternidade. **Porque na eternidade, quando a gente morrer, o que a gente vai levar é o que a gente construiu enquanto pessoa, foi a nossa capacidade de amar verdadeiramente.**

E por que eu estou falando isso? Vamos fazer a relação disso com o período de acomodação. Então, **o período de acomodação** é uma expressão que eu inventei que **diz respeito à serenidade e à calma que a gente precisa ter para realizar as tarefas que nos cabem**, principalmente com os nossos filhos. Então, o que acontece? Na ânsia da gente fazer tudo (“ah, eu preciso cuidar da alimentação, preciso cuidar do sono, ele precisa ter ordem, ele precisa ter tempo de sono, ele precisa ter higiene do sono, ele precisa estudar, ele precisa ir para o judô, ela precisa ir para o balé, ele precisa ir para a natação, ele precisa encontrar com amigo, ele precisa), um monte de coisas que a gente pode fazer, a gente acaba não tendo serenidade, a gente acaba não olhando, a gente acaba não dando o tempo que nossos filhos precisam para perceber e captar as informações, principalmente afetivas, que a gente quer passar.

Então, quando a gente acorda os nossos filhos, a gente já quer que eles vão se arrumando e que eles escovem os dentes e tomem café. Quando a gente vai deixar eles na escola, a gente já quer que eles vão para a escola logo, porque eu tenho um monte de coisa para fazer. Quando a gente busca eles na escola, a gente já quer que eles já cheguem e já façam o dever de casa. Quando a gente chega da rua, porque a gente estava trabalhando, a gente já entra na rotina de dar comida, banho, sono e pronto. Quando a gente sai de casa, a gente não quer ouvir choro, a gente sai escondido, porque senão vai dar confusão. Quando a gente quer que os nossos filhos estudem, a gente quer que eles sentem, estudem e façam logo o dever, para a gente conseguir tocar a vida.

E o tempo de acomodação é justamente esse tempo necessário. Às vezes não é um tempo que demora muito, **é um tempo de minutos em que a vida vai se tornar mais**

agradável, em que eu estou com calma, presente ali com o meu filho: É um momento de olhar no olho, um momento de dar um abraço, um momento de contar uma história, um momento de ouvir uma história, um momento de fazer um carinho, um momento de estar brincando ali juntos, que vai fazer toda a diferença na entrada da nova rotina.

Quando a gente chega em casa, muitas vezes as pessoas falam “ai, estava melhor quando você não estava aqui”, porque já queremos entrar na rotina direto. Ou quando o pai chega, falam “ah, já atrapalhou tudo”. Às vezes esse período de acomodação é fundamental: calma, chega, respira, esteja um pouco com ele ali, fica um pouco com ele ali, dá um pouco de carinho e atenção.

Isso vai facilitar na hora de colocar para dormir, na hora de comer, na hora de você sair de casa e que você precisa, muitas vezes, sair rápido. É a hora de você pegar no colo e é a hora de você conversar. Dá um colo, dá um abraço, “a mamãe está aqui, está tudo bem, a mamãe precisa sair agora, eu preciso ir à Missa, mas a mamãe já volta”. “Está tudo bem, você vai ficar com a fulana e você vai almoçar ou vai dormir”. Ou “quando a mamãe voltar, a mamãe já te coloca para dormir”. Ou “a mamãe vai à Missa e quando eu voltar, a gente já vai fazer a leitura antes de você dormir”. É *um* momento. Parece pouco tempo, mas esse pouco tempo pode fazer com que essa criança que faria um escândalo para sair, não chore tanto assim. Ou uma criança que fosse chorar muito na hora que você colocasse no berço, não chore tanto assim.

Muitas vezes, as mães falam, “ah, eu não consigo manter a rotina”...se acalma. Não entra logo na rotina, tentando já substituir a babá na hora que você chega. “Não, mas eu preciso manter a rotina”. Se acalma. Às vezes, são dez minutos, que não vão fazer tanta diferença assim. Mas que vai trazer toda a tranquilidade, que o seu filho vai entender: *“ela chegou; ela já está aqui de novo; ela está aqui totalmente, com toda a sua presença; sem olhar no celular, sem se preocupar com as coisas que estão acontecendo no trabalho.... agora ela é minha, ela está aqui comigo e vai ficar tudo bem”*.

Então, isso é o período de acomodação, essa calma...Quando a gente chega do trabalho, fica um pouco antes de entrar na rotina. Quando você pede algo para os seus filhos, (eu faço isso muito lá em casa) eu aguardo um pouco para que ele se decida a ir.. Em vez de, “vai tomar banho, vamos lá, e não sei o quê!”. Ou, “vai tomar banho fulano!”. E se ele não faz isso na hora, você exige uma obediência pronta. Acalma-se. Vê se ele entendeu a sua orientação, que você deu uma ordem clara: “É necessário você tomar banho agora; você compreendeu? É necessário tomar banho agora. Combinado?”. Espera. Espera um minuto. Ele já vai. Ele já está indo. Então, a obediência pronta não significa no mesmo segundo. Aquilo não é um quartel. Calma.

Quando o marido chega, não sai falando um monte de coisa: “Ah, porque não sei o quê. Ah, porque não sei o quê”. “E tem que resolver não sei o quê”. Calma. É um período de acomodação em que é necessário dar um beijo; é necessário fazer um carinho; é necessário jantar juntos. Depois, a gente vai falar dos problemas. Na hora que você vai falar com os seus filhos, antes de começar a dar ordens, dá um beijo, abraça, conversa, olha no olho. Se não é aquela coisa: “Ah, minha mãe só fala comigo para mandar”.

Ou então, quando a gente fala com as nossas mães: “Ah, mãe, você pode me ajudar aqui? Você pode me ajudar aqui?” — Será que a gente consegue ligar em outro momento para ter esse período de acomodação dizendo “ah, mãe, te mandei aqui um docinho em agradecimento por aquele dia que você ficou com as crianças”? Ou, “estou te ligando só para saber se a senhora está bem”?

São momentos. Ao sair de casa, pega a criança no colo, não sai fugida... Pega a criança no colo e diz: “Amor, agora a mamãe precisa ir na Missa. Agora a mamãe precisa sair. Daqui a pouco a mamãe volta”. Pela minha experiência, assim, 90% das vezes resolve. A criança se sente segura. Ela escutou o que estava acontecendo. Ela sabe que você vai retornar. E isso faz com que ela fique mais calma.

Então, esse período de acomodação é esse período de calma, de mudança de atividade, de virada de chave que a gente precisa dar, muitas vezes, na chegada no trabalho, da saída do trabalho para chegar em casa, porque é necessário a gente serenar para que a rotina ande de uma forma melhor.

Devemos saber que, apesar da gente ter muita coisa para fazer, o ativismo é aquilo que nos tira a serenidade, nos tira a real presença, nos tira a real atenção que nós devemos aos outros e que o nosso trabalho não existe para que a gente ganhe dinheiro, no sentido de se a gente precisa estar trabalhando, que a gente esteja totalmente ali, com o nosso coração ali, fazendo-o da melhor forma, para que a gente consiga estar em cada momento com toda a nossa presença real.

Isso certamente vai nos surpreender em relação ao número de coisas que a gente pode fazer e que os nossos filhos vão estar afetivamente mais calmos, seguros, porque a gente aguarda um pouquinho a sua resposta. Até a próxima aula.

Olá, meninas! Sejam bem-vindas a uma próxima aula.

Seguinte, hoje eu vou falar um pouquinho sobre o nosso trabalho como mãe e vou fazer uma relação disso com um conceito chamado tempo de acomodação. Ah, Sâmia, de onde vem esse conceito? Eu inventei esse conceito. E é um conceito muito verdadeiro para a educação dos nossos filhos. Então, fiquem aí para vocês ouvirem. Eu já falei isso em alguma outra aula, mas aqui eu deixei-o um pouquinho mais claro, tá bom?

Então, é o seguinte, a gente realmente tem muita coisa para fazer, muitas frentes. O pessoal gosta muito de mostrar uma mãe nessas várias charges ou fotinhas dessas na internet da mãe segurando vários pratos. Então, ***as mulheres cuidamos do nosso cuidado pessoal, tanto físico, intelectual e espiritual. Dos nossos deveres de estado, ou seja, do nosso marido, da educação dos nossos filhos, do cuidado com a nossa casa, do nosso trabalho profissional, da amizade, da nossa relação com os nossos pais.*** Então, realmente, a gente tem que cuidar de muitas coisas. Eu tenho certeza que vocês todas que estão aqui desejam cuidar de todas essas coisas com maestria. ***Mas há muitas pessoas que falam, “ai, meu Deus do céu, isso é um peso muito grande para as mulheres”, “isso é um peso muito grande”.*** “Talvez a gente não consiga dar conta de tudo”.

Eu vou falar aqui especialmente sobre uma virtude chamada ***a virtude da laboriosidade***, que está diretamente relacionada à forma de trabalhar. Não só o nosso trabalho profissional, mas a forma de cuidar de todas as coisas, ou seja, de todas as coisas que envolvem as nossas mãos, a nossa atenção, o nosso cuidado, o nosso intelecto.

Então, a virtude da laboriosidade é justo esta: a virtude que está relacionada com o trabalho, ***a virtude que leva o trabalho a sério, como compromisso. Ela está muito relacionada à virtude da diligência*** — que é aquela disposição nossa de enfrentar e resolver

rapidamente as coisas, sem esquecimento, sem demora, sem deixar para depois, sem procrastinação, fazendo o que a gente deve fazer.

Laboriosidade, portanto, é enfrentar com responsabilidade e constância o que nos é exigido. Não só no nosso trabalho profissional, mas em várias áreas da nossa vida: na nossa vida espiritual, na nossa vida do cuidado físico com as coisas. Por exemplo, o quanto a presença da pneumonia na minha vida (eu tive uma pneumonia bilateral) mudou o jeito de eu me relacionar com o meu cuidado físico! [Meu cuidado] de dormir melhor, de tomar adequadamente as minhas medicações, os suplementos, de cuidar da minha alimentação: Realmente foi uma virada de chave! Ou seja, **é uma forma de trabalhar melhor, no sentido de que... Por que eu vou deixar para depois, se é uma coisa que eu preciso fazer? Então, a virtude da laboriosidade está relacionada com isso. Por quê? Porque ao cuidar do meu aspecto físico, eu faço isso para que eu esteja melhor disposta para as pessoas que eu amo, e assim eu possa fazer todo o resto do meu trabalho.** Trabalho esse que é, por exemplo, dar aula para vocês, como cuidar dos meus filhos, como estar com o meu marido... Enfim, inúmeras coisas que eu preciso fazer.

A virtude da laboriosidade, portanto, não está relacionada só com o trabalho do qual eu tiro sustento. Se fosse assim, uma pessoa que não trabalhasse não precisaria ter a virtude da laboriosidade. Ou seja, ou então, se ela não trabalhasse, ou porque ela não trabalha fora, ou porque ela já tem o seu sustento garantido, eu não precisaria ter a virtude da laboriosidade. E isso não é verdade. **A virtude da laboriosidade tem relação com essa nossa obrigação em contribuir para o bem da coletividade.**

Essa forma como a gente vê o nosso trabalho é muito importante para a gente não ter uma relação com o trabalho apenas financeira. O nosso trabalho é a forma como a gente coloca para o mundo, como a gente oferece ao mundo, toda a nossa capacidade produtiva, Não só em relação à profissão que a gente tem, mas em relação a todos os nossos dons, todos os nossos talentos que a gente precisa colocar em favor das outras pessoas.

Por exemplo, o trabalho da casa, o trabalho com os nossos filhos, não é um trabalho que nos dá sustento, mas é um trabalho que nos faz contribuir para o bem do coletivo, para o bem da minha família, para o bem do meu casamento, para o bem dos meus filhos. Portanto, o trabalho do lar é um trabalho profissional, digamos assim, que exige de mim a virtude da laboriosidade.

Existe uma frase que diz **“aquele que puder ser sábio, não lhe perdoamos que não o seja”**. O que quer dizer isso? Significa que **alguém que tenha a capacidade de fazer... de fazer as coisas, de contribuir com as coisas na sociedade e que não o faz, ela não é digna de perdão**, digamos assim. Então, a gente não pode se esquivar das coisas que a gente precisa fazer, que é o nosso dever fazer, porque é nosso dever de Estado, porque é nosso dever profissional, porque é nosso dever enquanto filha, porque é nosso dever enquanto amiga, porque é nosso dever enquanto filho de Deus. A gente não pode simplesmente não fazê-las, a gente não vai ser perdoado por isso.

Então, **se a gente pode ser, nós precisamos ser.** Então, a virtude está relacionada à dedicação às tarefas que nos cabem, com perseverança, hora a hora, dia a dia, colocando e alcançando as metas. E aí, **quando a gente age através da virtude da laboriosidade, trabalhando bem, não procrastinando, fazendo as coisas que eu tenho que fazer, no momento que eu tenho que fazer, colocando todo o meu empenho naquilo, começando na**

hora certa, terminando na hora certa, eu percebo que eu sou capaz de fazer coisas que eu não imaginava.

Então, é ou não é verdade quando a gente tem um filho só, a gente fala “que confusão, meu Deus do céu, como é que eu faço?”. Quando a gente tem um segundo, a gente pensa “o que eu fazia antes?”. Quando a gente tem um terceiro “meu Deus do céu, de onde saiu esse tempo que parecia que eu não tinha?”. De fato, quando a gente trabalha bem, quando a gente executa as coisas da forma como a gente tem que fazer, estando com a nossa cabeça ali onde a gente tem que estar, naquele momento que nos cabe, isso faz com que a gente seja muito mais eficaz. A gente consegue fazer muitas coisas e consegue colocar a serviço dos outros muitos dos nossos talentos.

Portanto, se a gente está descansando quando a gente poderia estar desenvolvendo, a nossa inteligência, aprendendo alguma coisa, e a gente não está, a gente não vai ser perdoado por isso. Se a gente não está se desenvolvendo como mãe, estudando para ser uma boa mãe, e a gente deveria estar fazendo isso para o bem do nosso filho...logo, a situação está ruim. Se a gente não sabe cuidar da nossa casa, administrar a nossa casa, e eu não fui buscar como eu faço isso... também está ruim a situação. Se eu preciso cuidar da minha vida espiritual e eu não faço: está ruim. Se eu preciso cuidar da minha saúde e eu não faço: está ruim também.

Então, **apesar de parecerem muitos pratos, quando a gente executa a cada momento aquilo que a gente pode, sabendo que a gente conseguiu fazer naquele dia, tudo que aquilo aqui nos cabia e que existe o dia seguinte para a gente fazer as coisas que a gente não conseguiu naquele dia, se a gente organiza tudo isso, a gente consegue trabalhar bem, a gente consegue fazer muitas coisas, dar conta de muitas coisas.**

Opõe-se à laboriosidade duas coisas. Uma é a **preguiça**. E a outra, que é o que a gente vai falar mais, que é o **ativismo**.

A preguiça ou a negligência ou o abandono é deixar para lá algo que me cabe a ser feito. Ou seja, eu não estou aproveitando o tempo dentro do trabalho, no cuidado da minha casa, no cuidado com as pessoas, nas amizades, no cuidado com a minha mãe, no cuidado espiritual que eu deveria. Então, parece que eu não tenho tempo para nada. As melhores pessoas são aquelas que, quando você diz para ela fazer uma coisa grande, ela fala “eu não tenho tempo”. Que bom que você não tem tempo. Significa que você está trabalhando, que você está colocando o seu dia. **Mas, muitas vezes, as pessoas dizem que não têm tempo, mas o dia delas está preenchido de coisas inúteis.**

Se você pegar o seu celular e for avaliar quanto tempo você gasta no Instagram, quanto tempo você gasta no WhatsApp, quanto tempo você gasta no YouTube, você vai ver que você tem muito tempo para fazer muitas coisas *boas* e que você não vai ser perdoada se você não fizer — assim, eu não estou falando do ponto de vista religioso de Deus, mas estou falando “perdoado” no sentido de que, puxa vida, você podia ter feito e você não fez por preguiça.

Então, a laboriosidade nos impulsiona a aproveitar o tempo, a preencher o nosso tempo com o trabalho. Claro que a gente precisa descansar, claro que a gente precisa ter diversão, mas isso tudo está dentro da virtude da laboriosidade. A gente precisa descansar para que a gente possa trabalhar melhor. E descansar não é fazer nada, não é fazer com que os outros — a gente já falou sobre isso na aula de férias — venham a mim. Descansar aqui no sentido de que eu preciso mudar de ocupação, fazer uma coisa nova que eu não tenho tempo de fazer quando eu estou trabalhando.

Trabalhar bem, com efeito, não exclui a contemplação da beleza, nem o lazer, nem a existência do cansaço. Muito pelo contrário, quem tem a virtude da laboriosidade consegue ajustar todas essas coisas e aproveitar o tempo.

Então, como falei, o contrário da laboriosidade não é só a preguiça. Não é só a preguiça que atrapalha a procrastinação, aquele deixar para lá, não fazer tudo que a gente podia, mas o **ativismo**. Que seria, entre aspas, “trabalhar demais”. Ou seja, o que seria o ativismo? **Não é de fato trabalhar demais, mas é uma busca ansiosa do trabalho.** Ou seja, **a entrega a uma atividade desmedida, febril, sem serenidade, sem conseguir descansar, sem conseguir prestar atenção aos que nos rodeiam, sem conseguir prestar atenção nas belezas do mundo, contemplar a beleza, sem conseguir nos divertir.** Ou seja, estar *totalmente* focada no trabalho.

Assim, a laboriosidade ou é um serviço, ou é uma mera escravidão, o que justamente acontece com o ativismo. O trabalho humano existe para produzir frutos. E quando a gente produz frutos, a gente se aperfeiçoa como um indivíduo. Desse modo, a gente não vai ser escravo, mas senhor do trabalho.

É através do trabalho que a gente precisa se desenvolver espiritualmente. É através do trabalho que a gente vai nos dignificar, como se diz, “o trabalho dignifica o homem”. Ou seja, a gente vai ser cada vez mais homem, usar cada vez melhor a nossa liberdade, escolher melhor o bem.

Então, é necessário ter uma dedicação esforçada e responsável à própria tarefa e, ao mesmo tempo, harmonizar a serenidade, a capacidade de perceber o bem, a beleza, a abertura aos outros. Se não, é ativismo, não é laboriosidade. “Ah, eu trabalho muito, mas eu não tenho capacidade de escutar o que uma pessoa diz, eu não tenho, não consigo saber o que acontece na vida dos meus filhos, eu não me interesso pelo que acontece na vida da minha esposa”. “Ah, mas é porque eu preciso, a gente precisa de dinheiro”. Você entende que é possível você trabalhar bem, suprir financeiramente a sua família e, ao mesmo tempo, você cuidar de todas as outras coisas que lhe cabem. Então, é necessário a gente trabalhar com empenho e dedicação, mas a gente não pode atropelar o próprio trabalho, nos deixando dominar por ele.

Então, a gente precisa ter essa serenidade, o cuidado dos detalhes, esse espírito de serviço, mas sem deixar que as coisas se atropelem. Cada coisa precisa ter o seu momento, Então, é aquela história, faz o que deves e está no que fazes. Ocupar as horas do nosso dia deve ser fruto de uma reflexão atenta e ponderada. Ou seja, a gente precisa pensar no nosso trabalho, no momento da gente fazer as coisas. Às vezes, realmente é necessário a gente fazer um *schedule*: programação do que eu faço em cada momento, para, assim, eu ter tempo de fazer tudo.

Então, **o ativismo é uma atitude que faz com que a gente se deixe arrastar pelos acontecimentos, sem a gente dominar, dominar os acontecimentos.** Ou seja, sem a gente tomar posse. Ou seja, o ativismo traz precipitação, desordem, ineficácia. Quando a gente trabalha com ativismo, ou seja, sem refletir, sem pensar, sem fazer as coisas com ordem, achando que o trabalho... para trabalhar bem é necessário trabalhar muito e de forma desmedida, isso é muito errado, porque o ativismo faz com que a gente corra sem saber para onde a gente vai e a gente acaba não indo a lugar algum.

Ou seja, o ativismo é uma armadilha que faz com que o lugar onde a gente deveria estar com nosso coração fique abafado pelo número de coisas que a gente precisa fazer. E aí você

embota a sua consciência dizendo “eu tenho muita coisa para fazer”; “mas é necessário fazer muita coisa”; “é muita coisa, tudo depende de mim e eu preciso fazer as coisas”; “há muita coisa que fazer”; “as demandas são muitas”.

O que a gente precisa fazer para acabar com o ativismo? Colocar amor e presença, intencionalidade, atualizar a nossa vontade, atualizar os nossos motivos em cada uma das circunstâncias. Então, quando eu estou no trabalho, eu trabalho com a minha cabeça ali, fazendo aquilo da melhor forma possível, adquirindo o meu desenvolvimento profissional. Faço as minhas virtudes se desenvolverem no trabalho para que eu possa utilizar essas virtudes da pontualidade, da laboriosidade, da justiça, da generosidade quando eu estiver em outros momentos — como, por exemplo, estar com a família para que eu esteja totalmente com a cabeça ali, com atenção aos meus filhos, com atenção ao meu marido, com cuidado com eles, ouvindo o que eles têm a me dizer, com calma, com presença, com intencionalidade, utilizando as virtudes que eu desenvolvi aqui no meu trabalho para estar com os meus filhos.

O contrário também é verdadeiro: utilizar a virtude da paciência, utilizar a virtude de estar atenta aos demais, a generosidade com os meus filhos, negando-se a si próprio, a entrega, utilizar isso tudo também no nosso trabalho. Então, não querer fugir, mas estar ali, aproveitar aquele momento, que tem valor de eternidade. Então, **devemos fazer o que a gente deve fazer não por o estoicismo, “eu faço porque eu faço”, mas por amor.** Porque se a gente faz por estoicismo, a gente não está tomando posse daquilo, mas está fazendo porque “é o certo a ser feito”, porque “dizem que é melhor ser assim”. Não. Nas situações do nosso dia, no nosso trabalho, no nosso cuidado com o marido, no nosso cuidado das nossas amigas, no nosso cuidado pessoal, na nossa espiritualidade, no nosso cuidado com os nossos filhos, **isso vai fazendo com que a gente seja nós mesmas, a gente vai se tornando cada vez mais humanas.**

A gente não pode fazer com que a gente tenha um dia cheio de deveres cumpridos, mas não realizados. **A gente não pode fazer as coisas como mãe para que a gente faça as coisas porque é isso que uma boa mãe faz; mas a gente tem que se tornar uma boa mãe através dos nossos afazeres maternos, através do nosso trabalho profissional, através do nosso cuidado com o marido, isso tudo faz de nós uma boa mãe.**

O ativismo, ele traz a sensação de que a vida passou e não fui eu que vivi. “Ai, tanta coisa para fazer, nossa, o ano passou e eu nem sei o que aconteceu”. Não, não é para ser assim. **Eu não sei contar a minha história porque não fui eu quem estava vivendo, eu estava só vendo o tempo passar fazendo inúmeras coisas que eu precisava fazer porque era o certo a ser feito, porque disseram que é melhor ser assim, disseram que eu tenho que entregar a minha vida. Não. É necessário você ter presença.**

Como se diz, é necessário perder a nossa vida para que a gente possa ganhá-la. Perder a nossa vida não é ver a vida passar e não tomar posse dela. É necessário tomar posse daquele momento em que você está e você esteja fazendo aquilo, porque você quer e não porque te mandaram, mas porque é isso que você deseja, você deseja estar ali. Você sabe que aquele momento é cheio de valor, que faz com que você seja quem você é e por isso tem valor de eternidade. **Porque na eternidade, quando a gente morrer, o que a gente vai levar é o que a gente construiu enquanto pessoa, foi a nossa capacidade de amar verdadeiramente.**

E por que eu estou falando isso? Vamos fazer a relação disso com o período de acomodação. Então, **o período de acomodação** é uma expressão que eu inventei que diz

respeito à serenidade e à calma que a gente precisa ter para realizar as tarefas que nos cabem, principalmente com os nossos filhos. Então, o que acontece? Na ânsia da gente fazer tudo (“ah, eu preciso cuidar da alimentação, preciso cuidar do sono, ele precisa ter ordem, ele precisa ter tempo de sono, ele precisa ter higiene do sono, ele precisa estudar, ele precisa ir para o judô, ela precisa ir para o balé, ele precisa ir para a natação, ele precisa encontrar com amigo, ele precisa), um monte de coisas que a gente pode fazer, a gente acaba não tendo serenidade, a gente acaba não olhando, a gente acaba não dando o tempo que nossos filhos precisam para perceber e captar as informações, principalmente afetivas, que a gente quer passar.

Então, quando a gente acorda os nossos filhos, a gente já quer que eles vão se arrumando e que eles escovem os dentes e tomem café. Quando a gente vai deixar eles na escola, a gente já quer que eles vão para a escola logo, porque eu tenho um monte de coisa para fazer. Quando a gente busca eles na escola, a gente já quer que eles já cheguem e já façam o dever de casa. Quando a gente chega da rua, porque a gente estava trabalhando, a gente já entra na rotina de dar comida, banho, sono e pronto. Quando a gente sai de casa, a gente não quer ouvir choro, a gente sai escondido, porque senão vai dar confusão. Quando a gente quer que os nossos filhos estudem, a gente quer que eles sentem, estudem e façam logo o dever, para a gente conseguir tocar a vida.

E o tempo de acomodação é justamente esse tempo necessário. Às vezes não é um tempo que demora muito, **é um tempo de minutos em que a vida vai se tornar mais agradável, em que eu estou com calma, presente ali com o meu filho: É um momento de olhar no olho, um momento de dar um abraço, um momento de contar uma história, um momento de ouvir uma história, um momento de fazer um carinho, um momento de estar brincando ali juntos, que vai fazer toda a diferença na entrada da nova rotina.**

Quando a gente chega em casa, muitas vezes as pessoas falam “ai, estava melhor quando você não estava aqui”, porque já queremos entrar na rotina direto. Ou quando o pai chega, falam “ah, já atrapalhou tudo”. Às vezes esse período de acomodação é fundamental: calma, chega, respira, esteja um pouco com ele ali, fica um pouco com ele ali, dá um pouco de carinho e atenção.

Isso vai facilitar na hora de colocar para dormir, na hora de comer, na hora de você sair de casa e que você precisa, muitas vezes, sair rápido. É a hora de você pegar no colo e é a hora de você conversar. Dá um colo, dá um abraço, “a mamãe está aqui, está tudo bem, a mamãe precisa sair agora, eu preciso ir à Missa, mas a mamãe já volta”. “Está tudo bem, você vai ficar com a fulana e você vai almoçar ou vai dormir”. Ou “quando a mamãe voltar, a mamãe já te coloca para dormir”. Ou “a mamãe vai à Missa e quando eu voltar, a gente já vai fazer a leitura antes de você dormir”. É *um* momento. Parece pouco tempo, mas esse pouco tempo pode fazer com que essa criança que faria um escândalo para sair, não chore tanto assim. Ou uma criança que fosse chorar muito na hora que você colocasse no berço, não chore tanto assim.

Muitas vezes, as mães falam, “ah, eu não consigo manter a rotina”...se acalma. Não entra logo na rotina, tentando já substituir a babá na hora que você chega. “Não, mas eu preciso manter a rotina”. Se acalma. Às vezes, são dez minutos, que não vão fazer tanta diferença assim. Mas que vai trazer toda a tranquilidade, que o seu filho vai entender: *“ela chegou; ela já está aqui de novo; ela está aqui totalmente, com toda a sua presença; sem olhar no celular, sem se preocupar com as coisas que estão acontecendo no trabalho.... agora ela é minha, ela está aqui comigo e vai ficar tudo bem”*.

Então, isso é o período de acomodação, essa calma... Quando a gente chega do trabalho, fica um pouco antes de entrar na rotina. Quando você pede algo para os seus filhos, (eu faço isso muito lá em casa) eu aguardo um pouco para que ele se decida a ir.. Em vez de, “vai tomar banho, vamos lá, e não sei o quê!”. Ou, “vai tomar banho fulano!”. E se ele não faz isso na hora, você exige uma obediência pronta. Acalma-se. Vê se ele entendeu a sua orientação, que você deu uma ordem clara: “É necessário você tomar banho agora; você compreendeu? É necessário tomar banho agora. Combinado?”. Espera. Espera um minuto. Ele já vai. Ele já está indo. Então, a obediência pronta não significa no mesmo segundo. Aquilo não é um quartel. Calma.

Quando o marido chega, não sai falando um monte de coisa: “Ah, porque não sei o quê. Ah, porque não sei o quê”. “E tem que resolver não sei o quê”. Calma. É um período de acomodação em que é necessário dar um beijo; é necessário fazer um carinho; é necessário jantar juntos. Depois, a gente vai falar dos problemas. Na hora que você vai falar com os seus filhos, antes de começar a dar ordens, dá um beijo, abraça, conversa, olha no olho. Se não é aquela coisa: “Ah, minha mãe só fala comigo para mandar”.

Ou então, quando a gente fala com as nossas mães: “Ah, mãe, você pode me ajudar aqui? Você pode me ajudar aqui?” — Será que a gente consegue ligar em outro momento para ter esse período de acomodação dizendo “ah, mãe, te mandei aqui um docinho em agradecimento por aquele dia que você ficou com as crianças”? Ou, “estou te ligando só para saber se a senhora está bem”?

São momentos. Ao sair de casa, pega a criança no colo, não sai fugida... Pega a criança no colo e diz: “Amor, agora a mamãe precisa ir na Missa. Agora a mamãe precisa sair. Daqui a pouco a mamãe volta”. Pela minha experiência, assim, 90% das vezes resolve. A criança se sente segura. Ela escutou o que estava acontecendo. Ela sabe que você vai retornar. E isso faz com que ela fique mais calma.

Então, esse período de acomodação é esse período de calma, de mudança de atividade, de virada de chave que a gente precisa dar, muitas vezes, na chegada no trabalho, da saída do trabalho para chegar em casa, porque é necessário a gente serenar para que a rotina ande de uma forma melhor.

Devemos saber que, apesar da gente ter muita coisa para fazer, o ativismo é aquilo que nos tira a serenidade, nos tira a real presença, nos tira a real atenção que nós devemos aos outros e que o nosso trabalho não existe para que a gente ganhe dinheiro, no sentido de se a gente precisa estar trabalhando, que a gente esteja totalmente ali, com o nosso coração ali, fazendo-o da melhor forma, para que a gente consiga estar em cada momento com toda a nossa presença real.

Isso certamente vai nos surpreender em relação ao número de coisas que a gente pode fazer e que os nossos filhos vão estar afetivamente mais calmos, seguros, porque a gente aguarda um pouquinho a sua resposta. Até a próxima aula.